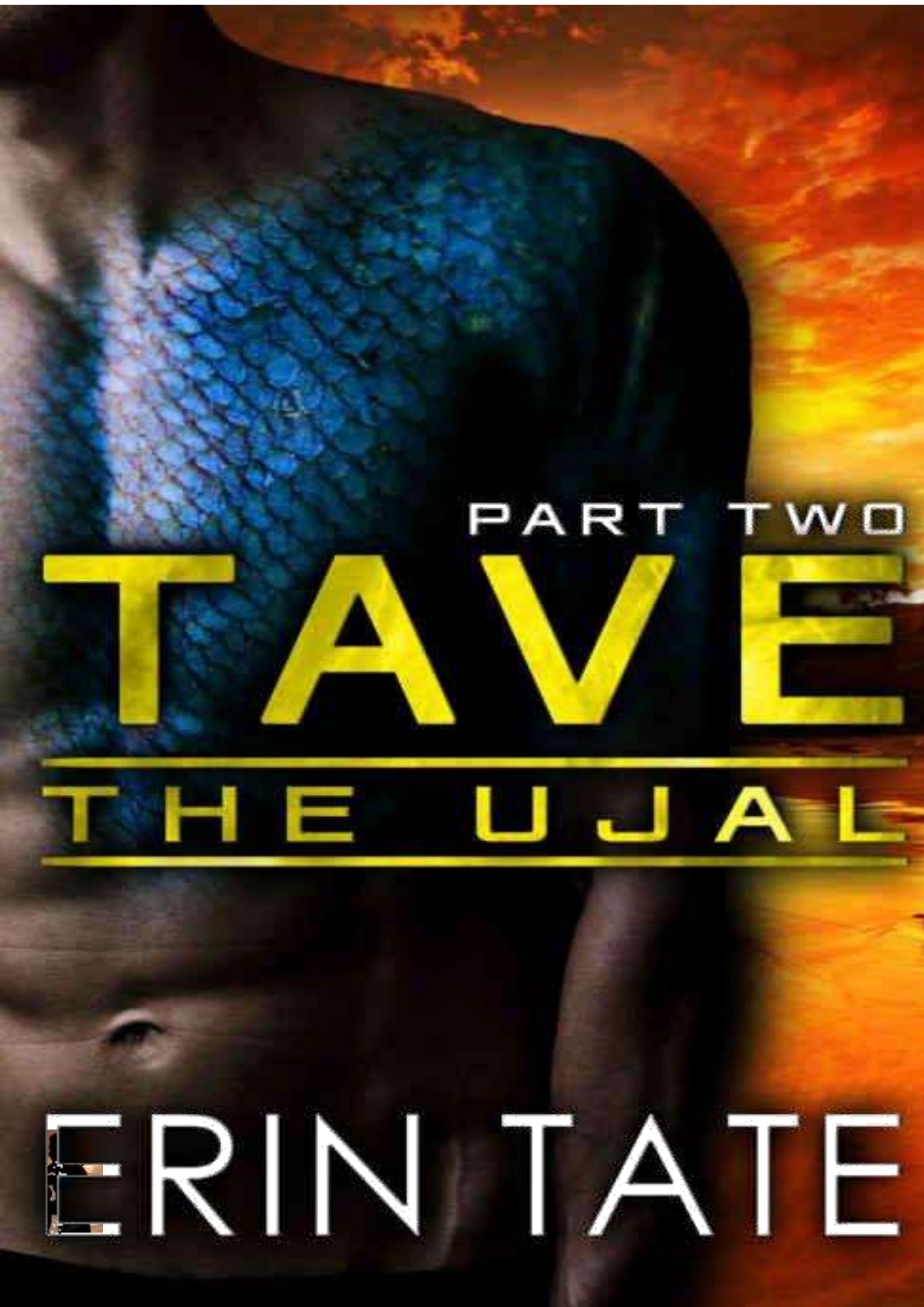




PART TWO

TAVE

THE UJAL

ERIN TATE



PL e PEE
APRESENTAM:

TAVE

SÉRIE THE UJAL

LIVRO 02 – PARTE 02

ERIN TATE


PEE

P  L

EQUIPE PL

Tradução: PEE

Revisão: Jessica Markab

Revisão final: Rosí Teo

Leitura Final: Lola

Formatação: Lola

Verificação: Anna Azulzinha

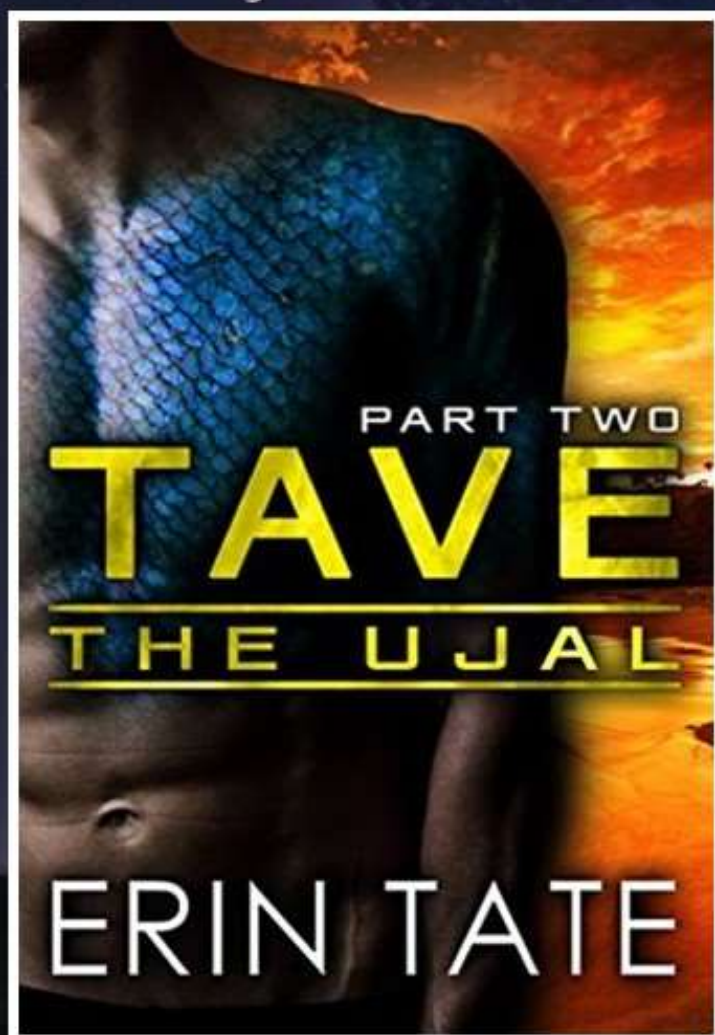


PL e PEE APRESENTAM:

SÉRIE THE UJAL

LANÇAMENTO

DISTRIBUIDOS



EM BREVE



PEE P L

SINOPSE

O acasalamento está fora de opção, mas e o namoro? Está totalmente na lista de tarefas. Bem, é o número dois de qualquer maneira. O primeiro item é impedir a mãe de Rina de matar a mãe de Tave e, em seguida, há o pequeno problema de seu rosto encontrar o chão de uma maneira não desejada.





CAPÍTULO I

Ser companheira do príncipe herdeiro de Ujal tinha suas vantagens. Como o fato dela nos próximos dias ter um período de férias pagas. Tave queria torná-las permanente, mas ela não aceitaria isso. Ela pode estar atraída por ele como nunca esteve por nenhum outro, desejando seu toque e disposta a jogar Twister horizontal, mas não seria totalmente dependente de ninguém. Se seu pai lhe ensinou alguma coisa...

Rina balançou a cabeça e apertou fortemente a xícara de café quente. Passou bastante tempo pensando sobre aquele homem. Ele não merecia mais qualquer momento da sua vida. Não, ela precisava se concentrar nessa “coisa” com Tave. No encontro especificamente.

Foi o que a fez ir parar na varanda de trás, aconchegada em sua cadeira de praia favorita, bebendo uma caneca de café e vendo o nascer do sol. O céu estava colorido em tons de laranja, rosa, azul e roxo. Não importa quantas vezes o tivesse visto, sempre era de uma beleza deslumbrante. Ela trouxe a caneca aquecida para a boca, tomando um pequeno gole da bebida amarga, apenas para cuspir de volta.

Sim, ela viu o nascer do sol muitas vezes, mas nunca testemunhou um Ujal atravessar a água, o corpo voando



acima das ondas e mergulhando sob a superfície novamente. Ele atravessou o oceano, o líquido ondulante não parecia impedi-lo de forma alguma. Aquelas escamas reluziam nas sombras de acordo com a mudança do sol, brilhando e criando matrizes luminescentes de branco e rosa. O Ujal vinha em direção a ela, diminuindo a distância tão rapidamente que os olhos dela dificilmente conseguiam acompanhar. Ele não era como os outros que ela já viu, os professores e filhotes que ocasionalmente saltavam na água passando por sua casa durante a tarde. Pequenos aprendendo sobre os oceanos da Terra e como navegar neles. Aqueles eram pequenos nadadores, não significava que começariam logo a nadar de um lado ao outro rapidamente.

Esta... era uma pura demonstração de poder controlado.

E ela gostou. Mais do que gostou. Algo dentro da alma lhe disse que o Ujal que se aproximava era Tave. Estava correndo em direção a ela como se sua vida dependesse de chegar perto dela o mais rápido possível. Ele não gostou de ter sido expulso da casa dela na noite anterior, discutiu sobre sua segurança, mas ela permaneceu firme.

Os primeiros encontros não incluíam visitas a médicos seguidas por noites de pijama.

Não importava o quanto ela quisesse se agarrar a ele como uma anêmona do mar. E ele também.

Finalmente eles concordaram com ele voltando na manhã seguinte, mas não antes do sol raiar. Aparentemente, o não aparecer durante a madrugada não ficou muito claro.



Tave aproximou-se, o ritmo nunca diminuindo. Ele continuou com a rápida velocidade, mesmo quando se aproximava da margem da praia. O que, ele acha que pode nadar em terra? Se assim for, os Ujals precisam urgentemente reconsiderar sobre quem os lideram. Ele não diminuiu até que deu um último impulso, a cauda batendo na água, então ela ficou paralisada com a beleza dele. Essa palavra não deveria se aplicar a ele, mas se aplicava.

Especialmente quando fez um movimento brusco com as barbatanas se agitando no ar. Ele lançou a cauda com um golpe firme enquanto girava, todo o corpo ondulando. As escamas dele se retraíram diante dos olhos dela, a cauda se separando e formando pernas humanoides, de modo que, quando completou o círculo, alcançou a areia com dois pés. Ele agachou-se enquanto se adaptava ao peso e imediatamente se levantou. Com a espinha reta, os ombros para trás e estava cheio de puro orgulho e arrogante desafio.

Ele tinha uma razão para ser tão cheio de si. Ainda assim, isso não significava que ela não queria que ele caísse de cara no chão.

Tave caminhou em direção a ela, passos seguros e firmes na areia fofa da praia. Por mais que a chegada precoce dele a incomodasse, definitivamente lhe deu um show. E não apenas a aproximação rápida pela água. Não. Um outro benefício do método dele de viagem era que quando ele chegava em terra, também chegava nu. Gloriosamente, deliciosamente, totalmente saboreável nu. Inteiro.



Completamente nu. Desde o cabelo azul até os dedos dos pés, ele estava exposto.

As escamas desapareceram, mas ainda permaneciam sob a superfície da pele, dando-lhe um brilho azul claro. E isso nele inteiro. Incluindo... ela lambeu os lábios, a boca salivando enquanto se perguntava que gosto ele teria. Queria morder o peito dele, lambe o firme abdômen, traçar as linhas esculpidas nos quadris com a língua, e depois descer um pouquinho mais e chupar... oh, usar a língua de todas as maneiras. Enquanto ela observava, o comprimento dele se contraiu e começou a inchar lentamente e ela percebeu que não era a única ficando excitada.

Ele já era grande quando estava mole e ela imaginou o quão longo e grosso ele seria quando...

— Pyabi¹, você não pode... — A voz dele estava seca e rouca, as palavras a forçaram a tirar o olhar da dureza crescente dele e concentrar-se em seu rosto.

Necessidade... ânsia e desejo estavam estampados nos traços dele o que a fez estremecer. O corpo dela imediatamente respondeu ao desejo dele. Os mamilos ficaram duros e pressionaram contra o fino tecido da blusa. Ela não tinha previsto que ele chegaria tão cedo e estava vestida com uma blusa de alcinhas que era muito velha e desgastada, supôs que ele pudesse ver através do tecido. Isso não a alarmou como deveria. Apesar da personalidade pública dele

1 – Apelido carinhoso



e do fato de serem companheiros, eles eram estranhos. No entanto, ela não hesitou em mostrar-se a ele.

Ela queria despertá-lo. Queria tentá-lo. Queria que ele a desejasse tanto quanto ela.

E Rina o desejava. O núcleo dela se aqueceu e pulsou com a necessidade de ser preenchida por ele. Ser possuída por ele.

Ela nunca se sentira assim antes e ainda assim, com Tave parecia certo.

— Pyabi... — Ele implorou a ela.

Rina fechou os olhos, respirou fundo e suprimiu o desejo. Eles deveriam namorar. Esse era o certo. Era normal. Os humanos não andavam por aí fodendo com todos por quem se sentiam atraídos. Ou melhor, as mulheres de Zeret não. Não podia falar por todas as outras do mundo.

O que significava que precisava relaxar. — Me desculpe. Eu não estava esperando você e....

E quero subir em você e montá-lo enlouquecidamente.

Certo. Ela não ia dizer isso.

— Eu vou.... — Rina colocou a mão no braço da cadeira e levantou-se, rapidamente virando as costas antes de abrir os olhos. — Vou pegar as roupas que você deixou aqui.

Na noite passada, ela ficou aborrecida porque ele queria deixar algumas coisas na casa dela. Ele não morava com ela. Mas disse que era necessário e agora ela entendeu por quê.

Embora... deixá-lo ficar nu tivesse seus benefícios.



Não. Controle-se, Rina. Nada de pau de tritão para você.

Mas ela sabia que seria tão divertido.

Talvez eles pudessem ignorar o namoro...

Tave gemeu e um súbito medo de que ele de alguma forma tivesse se ferido durante a exibição fez com que ela acordasse.

— O que...?

— Não se mexa. — Ela mal reconheceu a voz dele. — Estou segurando minha honra por um fio. Pelas profundezas, você é gloriosa.

— Eu.

— Não, nem sequer fale. — A pesada respiração dele era audível sobre as ondas suaves do oceano. — Ontem, naquele roupão e depois na roupa do hospital, pensei que você fosse linda. Mas você tem um corpo que faria a Deusa das Águas chorar.

Ela abriu a boca para lhe dizer exatamente o quanto errado ele estava, mas fechou as mandíbulas quando um calor desconhecido a banhou. Ele não a tocava, mas ela o sentia. Lá. O calor dele afundando nela.

Ele respirou profundamente.

— Por que você me tenta tanto? Por que você testa minha honra tão duramente?

— Você... — Ela limpou a garganta, excitação e desejo deixando sua voz rouca. — Você não deveria vir no início do



amanhecer. Se tivesse esperado, eu teria... — O fôlego dele agitou o cabelo dela. — Eu teria...

— O amanhecer não tem um início exato. Meus conselheiros me asseguraram disso.

O hálito quente dele na sua orelha e ela lutou contra o desejo de se apoiar nele.

— Fiquei distante de você durante o tempo que pude. No momento em que minhas sentinelas me informaram que você estava acordada, comecei a esperar. Sua dam² garantiu à minha dam que você precisava de tempo para “tirar a cara de ontem”, então me contive até que trinta minutos se passaram. Embora eu não tenha percebido que os humanos eram capazes de remover seus rostos. — Ele acariciou a bochecha dela suavemente com o dorso da mão. — Eu não gosto da ideia do seu rosto estar fora do seu corpo. Você deve deixá-lo assim.

— Não. — Ela engoliu em seco e lutou para controlar as reações a ele. Seus mamilos ainda estavam duros e seu clitóris se contraiu. Qual seria a sensação dele a agarrando, acariciando seus seios e então continuando mais abaixo até que segurasse o seu montículo com a mão? — Ela quis dizer que você deveria me dar tempo para acordar.

— Ou você está acordado ou está dormindo. Quando você está acordado... está acordado. Eu não entendo.

² Mãe.



— Significa... — Ele roçou os lábios na orelha dela? — Isso só significa que às vezes eu fico mal-humorada e preciso beber uma xícara de café ou duas antes de estar pronta para falar com as pessoas.

Ele cantarolou.

— Entendo. Eu sei outras maneiras de limpar sua mente. — Via-se facilmente a sugestão no tom de voz dele.

— Tenho certeza disso, — ela falou devagarzinho, pensando na sugestão dele “uma sugestão deliciosa, muito gostosa” que quebrou a sedução que ele tinha sobre ela. Rina afastou-se, perdendo o calor dele com o movimento e foi até a porta. Tinha que se afastar dele, tinha que colocar a cabeça no lugar antes que o arrastasse para dentro e.... o montasse enlouquecidamente. — Vou pegar suas roupas e deixá-las no balcão. Há uma mangueira do outro lado da varanda. Pegue e enxague os pés antes de entrar.

Ela agarrou a maçaneta da porta, a girou e abriu para que pudesse deixar a tentação para trás.

Talvez só mais uma olhadinha...

Olhou por cima do ombro, permitindo-se dar uma rápida olhada no corpo esculpido dele. Aquele cabelo... aqueles olhos... aquele peitoral... aqueles quadris... e então havia – ela lambeu os lábios, ainda se perguntando que gosto ele teria. Havia ainda aquilo.

— Pyabi... — Não deixou de notar a advertência dele e dando um gemido, correu para a casa, fechando a porta atrás de si.



Ela se apoiou contra o painel de madeira maciça e lutou para recuperar o fôlego. Também fez uma dancinha feliz mentalmente. O desejo não era unilateral e quando deu aquela última olhada, viu que ele estava completamente focado em sua bunda. Uau. Ela totalmente ganhou “mamãe roubou meu material genético, apresentou-o para o Ministério da População e encontrou para mim um companheiro alienígena” na loteria.

— Uau.

Não era o tom ou as palavras que a assustavam. Era mais do que isso – Primeiro, ela deveria estar sozinha. E segundo, a mãe dela simplesmente viu o “uau” do seu companheiro.

Nojento. Simplesmente nojento. Não nojento para Rina porquê... aquele uau era dela, mas nojento para sua mãe porquê... Tave seria genro dela em breve.

A mãe dela nunca deveria ter visto o pau do seu companheiro. Especialmente não quando estava duro por causa de Rina.

Ai, credo. Nojento.

Então Rina gritou, a mãe pulou jogando o escorredor de louças pelo ar, a porta da frente se abriu, em seguida a porta dos fundos. Justamente, a que Rina estava encostada. Foi uma dolorosa reação em cadeia. Ou sequência de acontecimentos. Ou qualquer outra coisa que terminasse com o rosto de Rina colidindo com o azulejo da cozinha.

— Rina!



— Pyabi!

— Senhor!

Todos aqueles gritos vieram juntos, mas é claro que foi seguido por sua mãe. A mãe, que lhe deu à luz e cuidou dela quando se separou do seu pai. Mãe, que... parece ter nascido para constrangê-la.

— Eu fiz o certo ou o quê?

Como se ela fosse pessoalmente responsável pela escolha do tamanho do pau do companheiro de Rina. Se houvesse alguém a quem Rina deveria agradecer era a mãe de Tave por fazer um filho tão bem-dotado – eca – ela não estava pensando na mãe de Tave e no pau dele ao mesmo tempo. Isso não estava acontecendo. Como em Caça-Fantasmas “os rios nunca devem se cruzar”.

Então Tave se agachou a seu lado, com o rosto cheio de preocupação, enquanto uma certa parte dele ainda balançava livremente.

Certo, talvez ela mandasse uma cesta de frutas para a mãe dele.





CAPÍTULO 2

Tave olhou atentamente para o rosto inchado da sua companheira enquanto o inchaço aumentava e ficava avermelhado diante dos seus olhos. Ela de repente removeu a bolsa de gelo, mas rapidamente colocou de volta cobrindo a face machucada.

Machucado que ele causara.

Rina exonerou-o da culpa e escolheu atirar olhares ferozes para a própria dam, mas não foi Kelara que abriu a porta e fez com que sua Pyabi voasse pelos ares. Ele desejava se retratar, fazer-lhe um pedido de desculpas adequado, mas ainda não encontrara as palavras. Um estrondo vindo da cozinha fez sua Pyabi estremecer e ele lembrou-se que tinha outro assunto em mãos. Tendo certeza que estivessem sozinhos, poderia escolher a melhor maneira de implorar pelo perdão dela. Ele leu muito sobre implorar de joelhos. Decidiu que era uma posição a ser usada apenas em terra. Teria que pensar em uma pose alternativa quando fizesse alguma besteira e tivesse que se desculpar dentro da água.

Ele era um V'yl. Encontraria uma solução.

Outro estrondo, que foi seguido por duas vozes femininas gritando uma com a outra. As dams deles se matariam a qualquer momento. Considerando a intromissão



delas, não tinha certeza de que ficaria triste com a morte da sua dam.

Quem ele estava querendo enganar? Amava sua dam. Simplesmente não a queria na casa da sua companheira enquanto ela estava sofrendo.

Por culpa dele.

Refletiu se submeter-se a uma punição pública funcionaria como um pedido de desculpas e fez uma nota mental para perguntar isso a Rina quando estivessem sozinhos. Se pudesse simplesmente ser chicoteado em público para ganhar de volta o sorriso dela...

Desta vez soava como se a mobília estivesse sendo empurrada por toda parte. Tave franziu a testa e olhou para a companheira. Ela estava com o rosto preocupado enquanto mordiscava o lábio inferior, mordendo aquele pedacinho de carne. Deveria ser ele mordiscando.

Precisava encontrar um método apropriado de se desculpar. Agora.

— Minha Pyabi, — murmurou e se virou para ela. Estava em um canto do sofá enquanto ele ocupava o outro e essa nova posição lhe dava um contato visual maior. Todo o rosto dela estava corado agora. Da lesão ou de constrangimento por causa das dams? Talvez ambos. — Por minha honra, lamento que minha presença tenha resultado em sua lesão.



Ela lhe deu um pequeno sorriso e pareceu como se o céu tivesse chovido água pura sobre ele. Era refrescante e glorioso.

— Não foi sua culpa.

Tave balançou a cabeça.

— Não, eu não

— Juro que não

— Se eu tivesse

Ela se moveu mais rapidamente do que a mais rápida das fêmeas Ujals. A distância entre eles desapareceu em um instante, quando ela se moveu para a frente e pressionou a ponta dos dedos nos lábios dele levemente.

— Silêncio. Hoje não foi sua culpa, assim como ontem. Coisas acontecem.

Não concordava, mas não disse isso a ela. Não pensava que acrescentar algo a discussão deles era uma boa maneira de fazê-la cessar.

Mais barulho. As vozes femininas ficaram mais altas, mas permaneceram abafadas pela distância entre a sala e a cozinha.

O suspiro de Rina o incomodou. Não era de prazer; Ele os ouviu no passado. Não dela, mas era um homem inteligente o suficiente para saber a diferença. E também para manter em silêncio sobre como ele sabe de tal coisa.

Este era... triste.



Não gostava de pensar que ela estava triste.

Então o medo a alcançou, o corpo sendo pisoteado pela emoção e ela se moveu rapidamente, deixando o bloco de gelo de lado enquanto se levantava. Foi então que ele ouviu o motivo do susto dela.

A dam dele. Obviamente ficou frustrada com a de Rina e agora... agora ela estava dando um grito de advertência que não só fez com que Tave e Rina corressem para a cozinha, mas Vados e Niax viessem da parte de trás da casa também.

Os quatro ficaram parados na cozinha, olhos congelados nas duas fêmeas.

Elas deram à luz ao futuro de Ujal. Devem ser respeitadas e cuidadas com o máximo de atenção. Não deveriam ser ridicularizadas... especialmente quando a dam de Tave apontava um rolo de macarrão para a dam de Rina, que por sua vez empunhava uma faca de açougueiro.

Ambas as fêmeas estavam cobertas de farinha.

Ambas as fêmeas pareciam mais mortais do que um grande tubarão branco.

Tave lembrou a si mesmo de não rir. Duas vezes.

— Mãe!

— Dam! — Lutou para imitar o tom da sua fêmea enquanto fingia estar chocado. Não deveria estar. O pai dele não era um homem com quem os outros se entendiam facilmente. Ele não tinha dúvidas de que sua dam precisava



recorrer a táticas interessantes para garantir a atenção do seu pai.

Ambas as fêmeas permaneceram tensas, mas não deram atenção para os outros na sala.

— Eu estava fazendo cookies de conforto para vocês e está...

— É uma receita perfeita transmitida por gerações...

— E ela tentou pegar a farinha de algas marinhas de vocês!

— E embora a farinha de algas marinhas seja um substituto inferior...

— Dá para acreditar?

Tave não sabia mais do que estavam falando, mas com base nas características no rosto da sua companheira, ela sabia.

— Mãe, você não pode... ela é a.... — Se virou para ele, implorando com os olhos.

Horas atrás, ele foi consumido pela luxúria e desejo dela, mas agora não era luxúria que marcava sua expressão, desejava nada mais que fazer com que aquela expressão saísse do seu rosto. Algo a fez ficar assim enquanto suas dams discutiam.

A resposta para esse problema apareceu facilmente.

As duas fêmeas continuaram brigando, mas com a voz dele se sobressaindo sobre as delas.



— Chega! — Gritou

Kelara gritou e agora ele sabia onde Rina aprendeu a gritar, enquanto a mãe dele só o olhava. Ele não se acovardaria. Tinha uma mulher para proteger, tanto fisicamente quanto emocionalmente. A lealdade dele pertencia a ela, dentro do seu corpo, em seu coração. — Quero que todos saiam. Agora.

— Tave. — Sua dam ficou escandalizada com a rudeza dele.

— Não pense que eu vou obedecê-lo. — A dam de Rina não ficou escandalizada.

— Acredito que minha companheira precisa de silêncio e descanso. Precisamos de calma e descanso. Nós não podemos começar nosso acasalamento com vocês duas brigando e discutindo como filhotes que perderam um brinquedo. — As palavras podem não ser exatamente aplicadas para os humanos, mas Kelara parecia entendê-lo bem o suficiente se o novo olhar que ela lhe deu indicasse alguma coisa. Tave alcançou Rina, deslizou o braço sobre os seus ombros e suavemente puxou-a para si. Mentalmente gritou de alegria quando ela se aconchegou contra ele e pressionou a bochecha fria no lado do seu corpo. Estava procurando o consolo dele. Primeiro era proteção e agora conforto. Depois disso, ele não tinha dúvidas de que proteger Rina seria fácil. — Apreciamos o desejo de vocês de cuidarem de nós

— Rina... — Kelara o cortou, mas ele continuou.



— Mas é hora de nós cuidarmos um do outro. — Se concentrou totalmente em sua dam. — Vocês sabem que é a responsabilidade e alegria de um companheiro se assegurar da felicidade da companheira.

Com aquelas palavras simples, a raiva e frustração dela desapareceu e ela desinflou.

— Eu sei disso. — Levantou-se e cuidadosamente colocou o rolo de lado. — Nós não podemos ficar, mas podemos começar os preparativos para os filhotes.

Tave não gostou dessa ideia.

— Bebês? Netinhos? — A dam de Rina se animou.

Ele realmente não gostou dessa ideia.

— Mãe... — Rina advertiu.

— Silêncio, querida, os adultos estão conversando.

Tave olhou para a fêmea. Ninguém podia falar com a sua Pyabi dessa maneira. Nem mesmo a dam dela. Abriu a boca para lhe dizer exatamente isso quando as duas dams irritantes juntaram os braços e se voltaram para ele e para Rina.

— Ligaremos mais tarde para checar vocês. — Kelara estava sorrindo amplamente, o que o deixou desconfortável. — Tenham um ótimo dia!

As fêmeas os ignoraram enquanto caminhavam para a frente da casa e saíam pela porta. Ele não estava preocupado com a segurança dele ou de Rina, guardas estavam



posicionados ao redor da casa de Rina, mas ainda estava inquieto.

— Oh, isso não é bom.

— Concordo. — Murmurou ele, com o olhar fixo nelas saindo. — No entanto, não sei por quê. — O suave som de um sapato lembrou-lhe de que não estavam sozinhos e imediatamente se concentrou em Vados e Niax. — Saiam.

— Príncipe... — Niax, o mais diplomático dos seus guardas sêniores, falou. — É melhor se vocês tiverem proteção dentro de...

— Saiam. — Ele não discutiria. — Não quero outra pessoa que não seja a minha Pyabi dentro dessas paredes. — Vados apertou os lábios, tanto que ficaram brancos e suas escamas vermelhas deslizaram sob a pele. O explosivo guarda não estava feliz com a decisão de Tave. Embora soubesse que Vados geralmente ficava infeliz por estar longe da sua companheira recém-reivindicada.

Não se importava se eles discordavam da decisão dele de expulsá-los. Sua companheira precisava da sua atenção. — Os avisarei se precisar de ajuda, mas neste momento, simplesmente exijo espaço e silêncio.

Não deixou espaço para discussão. Era o príncipe herdeiro e não respondia a nenhum outro senão seu pai. Vados permaneceu no lugar, suas escamas se esticando mais contra a pele enquanto a raiva aumentava. Isso... era uma exibição diferente de qualquer uma que já viu de seu guarda e velho amigo. Tave não duvidava de que ganharia de Vados



se lutassem, mas não queria arriscar sua companheira em tal batalha. Perder Vados o tornaria mais vulnerável. Além disso, perturbaria a companheira do macho.

Tave soltou Rina e deslizou o braço dos ombros dela. Se aproximou do outro macho e deixou a crescente fúria transparecer em suas palavras.

— Você vai cumprir minhas ordens, mesmo não concordando ou as respeitando.

— Como quiser. — Vados reprimiu a zombaria das palavras. Isso é ruim. A abstinência era obviamente um fardo, já que o homem fora obrigado a ficar perto de Rina.

No segundo que os dois saíram, se permitiu relaxar e se concentrar totalmente na companheira. Olhou rapidamente para o hematoma roxo que arruinava a bochecha dela e pelo que ele ficou sabendo, ficaria ainda mais escuro antes de melhorar.

Isso apertava o seu coração.

Tave se aproximou dela mais uma vez, puxando-a para seus braços. Ela foi facilmente. O corpo relaxado e suavemente ajustando ao dele. Sabia que ela estava aceitando devido ao choque e não descartaria tirar vantagem de tudo isso. Não via algo de errado em mantê-la perto. Talvez um beijo. Segurou a bochecha sem ferimentos e a encorajou a se concentrar nele para que pudesse roçar os lábios nos dela. Somente, quando seus olhares colidiram, notou as lágrimas nos olhos dela.

Talvez sem beijo.



Mas ainda podia abraçá-la.

— Como você se sente, minha Pyabi?

— Cansada. Com dor. Com fome. Com tudo o que aconteceu eu acabei não comendo. — O estômago dela fazia aqueles sons roncando que eram particulares aos seres humanos. Se o estômago de um Ujal fazia sons enquanto estava em uma caçada ... esse Ujal não teria comida.

— Posso ajudar com uma dessas coisas. Talvez duas.

Ela ergueu as sobrancelhas e ele não perdeu o estremecimento que veio com o movimento.

— Como? O quê?

— O mar não é simplesmente o lar de nosso povo, mas sim também é calmante, o que ajuda na cura. O oceano cuidará de você e eu caçarei para você. E quando terminarmos, a assistirei enquanto dorme.

— Nosso povo? Não sou exatamente uma Ujal.

Ele encolheu os ombros.

— Sou Ujal e você é minha companheira. Você é uma Ujal. É isso. — Se forçou a liberá-la, forçou a mente a se afastar de seus outros planos. Quando viesse para ele, se juntasse a ele, ela não continuaria exatamente totalmente humana por mais tempo. — Vá pegar o que precisa e me encontre na varanda dos fundos.

— O que preciso?

— A menos que queira me deixar olhar para o seu glorioso corpo nu, um traje de banho humano. — Ela não



reclamou do comentário, em vez disso ficou brilhantemente corada.

Quando se afastou dele, seus quadris generosos balançavam a cada passo, sentiu a necessidade de enviar um presente de agradecimento a Kelara e ao pai de Rina agradecendo-os por fazerem uma criatura tão puramente perfeita.

Então lembrou-se de que Rina ficou envergonhada quando a dam dela comentou sobre o “pacote” dele.

Talvez enviasse um presente em segredo.





CAPÍTULO 3

— Não estou te acusando de ser desonesto ou manipulador, estou apenas dizendo que a sua sugestão “vamos deixar o oceano cuidar de você, onde vou conseguir vê-la de biquíni, enquanto pavoneio com a minha sexy cauda masculina” combinada com meu rosto machucado é um pouco conveniente demais. — As palavras pareciam surgir da boca de Rina sem qualquer pensamento. Porque, se ela parasse por um momento antes de partir para a ofensiva, teria percebido que não era como se ele a tivesse empurrado para o chão de propósito.

Mas nãoooo... tinha que vomitar estas coisas sobre ele, porque ela estava desconfortável com o quão rápido as coisas estavam acontecendo. E realmente, não era como se estivessem boiando no meio do oceano ou algo assim. Mas estariam juntos, ele nu e ela quase nua. No Oceano. E ele tinha uma cauda, o que significava que seria como um quase peixe feliz saltando pela água, enquanto ela afundaria se ele não pudesse ajudá-la e, e, e....

Estava realmente preocupada com ele abandonando-a? Não. Ou tirando vantagem dela? Não. Além disso, ela não sabia ao certo o que acontecia com o pau dele quando assumia a cauda. Embora, a ideia de descobrir fosse intrigante...



Droga. Ela parecia ter dupla personalidade. Uma dizia que seria muito bom ir a um encontro nas águas, enquanto a outra queria continuar de pijama e ficar confortável.

Tave congelou no lugar, com cada músculo imóvel enquanto ficava lá. Seu rosto ficou completamente chocado, mas isso rapidamente desapareceu sendo substituído por uma máscara em branco. Ela não podia mais lê-lo, nenhum sinal de seus pensamentos podia ser visto. Deu um passo para longe dela, aumentando a distância entre eles.

— Não sabia que meu desejo de cuidar de você lhe era tão desagradável.

Rina estremeceu.

— Não disse isso. Eu quis dizer...

— Não sabia que você me achava um homem tão desonroso. — Outro movimento para longe dela.

— Espere. — Estendeu a mão para ele, mas ele permaneceu fora de alcance. Ela se arrependeu rapidamente e percebeu que realmente fodeu tudo.

— Já que você acha meus motivos suspeitos, — ele disse, enquanto andava em volta dela e em direção à porta da frente, — eu devo...

Droga. Agora era ela quem perseguia.

— Tave. — Ela rosnou e o seguiu. — Espere. — Ele não desacelerou, mas também não acelerou. Então, ela correu para frente, deslizando em torno dele e bloqueando o caminho. — Espere um minuto. Eu não quis dizer...



— Você acredita que manipulei a situação e que meu único pensamento agora é como melhor tirar proveito de você em seu estado atual. Negue isso. — Cruzou os braços sobre o peito estava com raiva e ferido? Ele estava violentamente furioso.

Tave era o Príncipe Herdeiro de Ujal e apesar do fato da posição ser passada de pai para filho, percebeu que ele vivia por sua honra, sua dedicação a seu povo, todos os dias. Era algo que deveria saber, mas até este momento, não sabia. O conhecimento nunca fora mais do que uma nota em um dossiê, mas agora percebeu que era muito mais do que um parágrafo em preto e branco.

— Olha, não vou negar...

— Como pensei. — Ele esboçou as palavras e deu um passo para a esquerda, o que ela fez também, cortando-o novamente.

— Meu Deus, é assim que toda briga vai ser? Eu digo algo estúpido e então você rasteja para seu cavalo-marinho e vai embora?

Tave recuou, ficou confuso e momentaneamente esqueceu a raiva.

— Um Ujal não anda...

— Não era isso. Era uma metáfora. O ponto é, eu sou uma humana, Tave. Caso você tenha se esquecido.

— Realmente? — Respondeu secamente.



Estava arrependida. Não conseguia fazê-lo ver além do sarcasmo. De fato, ela começou toda essa bagunça e agora tinha que resolver.

— Sim. E por mais que eu tenha certeza de que você e seus homens são honrados, os humanos... não são. — Ela esfregou a testa, lutando com a dor de cabeça surgindo e estremeceu com a pontada de dor quando acidentalmente tocou a bochecha. — E às vezes os babacas manipulam uma mulher para que ela se veja em uma situação aparentemente inocente, em seguida, de repente ela se vê em uma situação ruim. — Limpou a garganta e desviou o olhar dele, escolhendo se concentrar na parede. — Me desculpe.

O silêncio os envolveu. A calmaria permitiu que os sons suaves das ondas os alcançassem e Rina concentrou-se nisso em vez da tensão na sala.

— Pyabi... — Tave passou os dedos ao longo de sua bochecha que não estava ferida.

A suave pressão a encorajou a olhá-lo. As emoções que viu ali quase a fizeram chorar. Arrependimento. Tristeza. Cuidado. Raiva?

— Eu estou... — isso é....

— Me dê os nomes deles.

Ela franziu a sobancelha, ignorando a dor que vinha com o movimento.

— O quê?



— Dê-me os nomes dos machos que se atreveram a agir de tal maneira com a princesca de Ujal e garantirei que eles lamentem suas ações.

Lamentar suas ações. Rina teve a sensação de que ele levaria os homens para um mergulho no meio do oceano e então diria para voltarem sozinhos. Era sexy de uma maneira assustadora.

Mas ainda era sexy.

Rina balançou a cabeça.

— Não importa.

— Importa se isso interrompe o nosso acasalamento e se a dor ainda permaneça em seu coração. Isso é inaceitável para mim. Eu não ficaria longe de você por muito tempo se isso é uma preocupação. Permitiria que outros os encontrassem e os trouxessem para mim. É para a alegria do príncipe. — Ele parecia estar se apoderando da ideia e ficando animado com a perspectiva de ir atrás dos ex-namorados dela.

Ainda malditamente sexy.

— Não. Prometo tentar não ser tão neurótica e duvidar tanto, mas dispenso caçar os homens do meu passado.

Os ombros desabaram e o desapontamento apareceu em cada músculo do seu corpo.

— Tudo bem, — resmungou. — Ainda gostaria de levá-la para o mar. As águas acalmarão suas dores e, como minha companheira, meu chamado do oceano pode curar a lesão.



Não há nenhum registro de que alguma vez tenha sido experimentado em humanos, mas somos companheiros.

— Chamada do oceano? — Isso não estava em nenhum dossiê.

— Você não tem motivos para confiar em mim, mas peço que mude de ideia e me acompanhe até o mar. Não vou te tocar a menos que queira, Pyabi. Juro. — O olhar dele era suplicante e de alguma forma ele passou de suspeito para furioso e agora para esperançoso em questão de minutos.

As dúvidas dela fizeram isso. Dúvidas deram lugar a problemas no relacionamento em construção deles e ela não deixaria continuar assim. Tave não era humano, era Ujal. Honrado. Cuidadoso. Feroz. Dela.

— Me dê um minuto.

Rina passou por ele e se encaminhou para o quarto, rapidamente mexendo em suas gavetas e encontrando o biquíni. Levou alguns segundos para se livrar do pijama e ainda menos tempo para vestir as peças do biquíni. O pijama a cobria e ao mesmo tempo não cobria. O tecido muito fino deixava muito pouco para a imaginação. Tecnicamente o traje de banho escondia somente os seios e as partes íntimas, menos que os pijamas, mas ela se sentia mais exposta com ele.

Respirando fundo para criar coragem e rezando para que Tave não pensasse nela como um talo de algas marinhas. Ela se aproximou, ansiosa por ver a reação dele e não ficou desapontada. Ele respirou duramente, com os olhos largos e



dilatados enquanto a olhava da cabeça aos pés. O olhar se deteve em seus seios que esticavam o tecido do sutiã e se demorou ainda mais na parte da calcinha do biquíni. Ele lambeu os lábios como se imaginando o sabor dela e ela não conseguiu lutar contra os arrepios que a percorreram.

Como seria ter a sua boca lá, lambendo e chupando seu lugar mais íntimo, a faria gritar de prazer...?

— Talvez você deva vestir mais roupas. — Ele murmurou e ela sorriu.

Bem. Ele gostava do que via.

Ignorando suas palavras, ela se aproximou dele, com a mão estendida e agarrou a dele.

— Venha cuidar de mim.

Ele estremeceu e então se moveu, mudando o aperto até que era ele quem segurava a mão dela.

— Você será a minha morte e de cada outro homem que a olhe com luxúria. Deve superar seus sentimentos sensíveis agora, Pyabi. Haverá muitas mortes pela minha mão.

Ela se perguntou se ele sabia o quanto essas palavras dominantes e possessivas a afetavam. Porque, na verdade, o seu lugar mais abaixo estava doendo com necessidade. E agora que finalmente conseguiu que ele promettesse não a tocar quando fossem nadar, refletiu se poderia convencê-lo a acariciá-la, deslizar os dedos dentro dela enquanto capturava os lábios dela nos seus...



No momento em que saíram da casa e desceram os degraus da varanda para a areia, Tave a pegou no colo e caminhou sobre a superfície macia e fofa. Ignorando os gritos e pedidos dela para andar. Nem sequer ouviu as súplicas ou lembretes de que ela era uma adulta.

— Há galhos e detritos espalhados pelo chão. Não deixarei que se machuque. — O tom dele era inflexível.

— Então, tudo bem se for você? — Ela respondeu.

— Tenho escamas. Elas são duras e podem me proteger contra o que estraga o chão. Você não.

E era isso, aparentemente.

— Você vai ter que me soltar antes de chegar à água. Sua cauda não permite que me leve a águas profundas muito facilmente.

Isso lhe rendeu um sorriso perverso.

— Sou o Ujal mais forte conhecido por todos. Posso reter a mudança durante o tempo que quiser.

Ela se lembrou da chegada dele.

— E, deixe-me adivinhar, você é o mais rápido, também.

O sorriso dele era resposta o suficiente.

— Exibido, — ela resmungou.

— Tenho que provar para minha companheira que sou digno dela. — As palavras eram confiantes, mas com uma pitada de vulnerabilidade. Como se ele não tivesse certeza de ter cumprido seu objetivo.



Antes que os pés dele tocassem as ondas suaves que cobriam a areia, segurou a sua bochecha e forçou-o a olhar para ela, concentrando-se completamente nela. — Já conseguiu. Não precisa continuar se provando para mim. Sei que é forte e honrado e mais do que digno. Maldição, sou eu quem deve se provar a você. Você é um príncipe e eu...

Rina não teve que esperar até que entrassem na água para ele capturasse seus lábios, tocando a sua boca suavemente antes de tomar posse. O beijo foi rápido e feroz, mas o raio de prazer que o toque causou vibrou por ela. Se entusiasmou por ele. Seu núcleo pulsava de necessidade e desejo e de repente ela se perguntou por que estava colocando tantos obstáculos em tudo.

Porque, mesmo que ele não tivesse sugerido um mergulho com segundas intenções, ela realmente, realmente queria que ele tivesse algumas ideias impertinentes agora. Aquelas que envolviam seu biquíni sendo descartado e ela descobrindo se um tritão pode gozar como um ser humano na água.

— Você é minha. — Ele parecia tão malditamente feroz e possessivo e.... foda.

Rina engoliu em seco.

— Certo.

Uma nova luz consumiu os olhos dele e um profundo pulso de som vibrou através dela, afundando em sua carne e forçando-a a tremer. O Ujal rosnou. Era um som profundo, animalesco, vindo do coração dele. O centro dela se apertou



como se estivesse implorando para ser preenchido e então ela tremeu por uma razão inteiramente diferente.

Ele não disse nada mais enquanto se movia para dentro da água, atravessando as ondas como se a queda do líquido não existisse. O caminhar dele não foi impedido pelas quedas e quando se afastaram mais para o fundo, Rina se tornou consciente das mudanças no corpo dele.

A pele bronzeada lentamente escureceu e se modificou quando uma a uma as escamas das cores do arco-íris tornaram-se visíveis. A primeira sugestão de mudança veio com o roçar do corpo dele contra o seu, seu quadril deslizando facilmente sobre a pele quando enquanto ele se movia. Então, a ondulação gradual até o peito, rastejando até o pescoço e atingindo as bochechas.

— Lindo. — Ela não percebeu que pensou em voz alta até que ele congelou no lugar, o mar gentilmente acariciando seus quadris.

— Pyabi?

— Desculpe, é só... — Ela alcançou o rosto dele. As escamas ondulantes a provocavam e faziam seus dedos coçarem para tocá-lo. Conseguiu se impedir de conectar a mão ao corpo dele. — Suas escamas são lindas.

Então ele sorriu e a respiração dela ficou presa. Ele deu sorrisos antes. Claro, ele deu. Mas esse... era diferente. Era leve e cheio de felicidade verdadeira e ela não podia acreditar que ele era dela. Apenas... UAU.



— Você é que é linda, minha Pyabi, mas fico satisfeito que você goste de olhar para mim. E você tem permissão para me tocar sempre que quiser. Onde quiser.

Onde quiser... haviam tantas possibilidades.

Mas ela não as explorou. Ainda não, de qualquer maneira. Por enquanto, ela traçou o pescoço dele, registrando a sensação das escamas sob seus dedos e palma.

— Tão macio. Quente. — A boca dela salivou quando uma pergunta surgiu em sua mente e ela se inclinou mais perto dele. Não hesitou em abrir a boca e lamber a pele escamada, provando-o. Sal, almíscar e homem. Doce e ainda do mar. Ela gemeu e lambeu-o novamente, atraindo-o para sua boca. — Hmm.

Foi então que notou o tremor dele, a maneira como ele estremeceu e se agitou e percebeu que estava pressionando-o a segurar as pernas enquanto ela o explorava. Sabia que ele lhe dissera que era o Ujal mais forte do planeta, mas ninguém era infalível.

Rina levou sua boca à dele se desculpando suavemente.

— Sinto muito.

— Não. — Murmurou ele e ela se sacudiu. Ele modulou o tom e quando falou, foi suave. — Sem desculpas, você nunca deve se arrepender por me tocar, por me explorar. Sou eu quem deve pedir desculpas pela minha fraqueza. Admito que minha mudança está muito próxima e estou prestes a cair de joelhos de necessidade por você, Rina.



— Se você entrar em águas mais profundas posso flutuar e você pode se acalmar?

Ao invés de responder, ele sacudiu a cabeça rapidamente acenando.

— Sim.

O ritmo dele não estava mais lento e metódico, mas sim apressado. Antes que ela percebesse, estava flutuando no meio do oceano e Tave afrouxou o abraço. Ele ainda mantinha as mãos sobre ela, mas não a apertava firmemente. Em vez disso, ele a libertou de seu corpo e.... se transformou.

Ele se moveu em uma onda gigante, o peito ondulando e Rina não tinha dúvidas de que o movimento continuava pelo corpo e então como um raio de luz, uma pétala suave algo roçou em uma de suas pernas. Quando ele soltou um suspiro tranquilo e a encarou, ela soube que esse algo era de fato a cauda dele.

As pupilas dele estavam maiores do que antes e o branco dos olhos eram agora uma imitação pálida do profundo azul marinho que o cobria. A pele bronzeada era coisa do passado, escamas cobriam seu peito como um cobertor brilhante. O novo padrão e aparência dos traços alienígenas deveriam ter desviado a capacidade dela de ver as linhas esculpidas do corpo dele, mas não desviaram. Não, que nada, a cor tornava-as mais óbvias, fazia com que ela estivesse mais determinada a traçar cada linha com os dedos e boca.



Seus lábios formigavam e ela lutou contra o impulso de pressionar beijos contra a nova pele dele. Foi ela quem dificultou tudo para ele e agora estava prestes a saltar nele e montá-lo como um golfinho em um parque aquático.

— Pyabi...

Rina passou a olhar para o rosto dele.

— O quê? Não fiz nada.

Ainda não.

— Você está olhando para mim como se eu fosse sua sobremesa favorita. — Ele falou agradavelmente e sua cauda enroscou-se nos pés dela novamente.

— Não faço ideia do que você está falando. — Ela fingiu irritação.

Fingiu mesmo.

— Ahh... — Ele estendeu a mão para ela, dedos lisos e quentes rodeando seu pulso e então a puxou sem esforço para ele. — Não acredito em você, mas seria desonroso chamá-la de mentirosa.

Ele pode não ter expressado a acusação, mas estava lá em seus olhos.

Ela fingiu não notar.

— Por agora vou cuidar das suas contusões.

Quase esqueceu da área dolorida em seu rosto. Então esqueceu de tudo, porque a puxando para mais perto também fez com que ficassem frente a frente enquanto ele a



encorajava a deslizar as pernas em torno da cintura dele. Ela “quase” conseguiu engolir o gemido que estava se formando em seus lábios e em vez disso apertou as coxas. Quanto seria necessário para gozar sozinha nesta posição? Quando ela se enrijeceu mais uma vez e um raio de excitação e prazer a alcançou, ela imaginou que não seria necessário muito.

— Tave...

— Gosto do meu nome em seus lábios, — ele falou, o olhar permaneceu atento na bochecha dela. — Vire a cabeça para a praia e feche os olhos. Juro por minha honra que isso não vai doer, — sussurrou contra a pele dela antes de uma onda de felicidade a atingir.

Doer? Não.

Foi bom para caramba, eu-vou-gozar-agora? Sim.

É claro que isso ficou bem melhor. O pulso profundo pareceu ressoar com a alma dela, afundando profundamente em sua carne e ossos. Não foi apenas um tremor, também foi uma onda de sensações. Então veio de novo, deslizando através dela, provocando-a e ainda assim ela reconheceu a diminuição da dor, a dor aliviando sob os sons dele.

E os sons, aqueles que o coração dela reconhecia mesmo que ela não pudesse traduzi-los com palavras humanas. O chamado do oceano dele. E estava curando-a, acalmando-a.

Despertando-a.



Sim, seu centro estava desesperado por ele, apesar da frieza da água o seu corpo continuou se aquecendo por ele e mesmo se tentasse se afastar não conseguiria. Ela tremeu, os quadris se contraindo e se esfregando contra o abdômen dele. Abdômen e.... um cume firme. Era aquilo dele... não era o eixo humano, sim uma crista erguida que parecia encaixar perfeitamente no V das pernas dela.

— Tave...

Ele falou contra a bochecha dela.

— Toque-me como quiser, Pyabi.

Rina apertou os ombros dele, com os olhos se fechando quando ela montou a onda de prazer que os seus sons criaram. Lentamente, suavemente se balançou contra Tave, desfrutando do pulso de deleite adicional que veio quando ela se esfregou diretamente. Quando o cume duro acariciou seu clitóris por cima do tecido do biquíni, o centro dela apertou e contraiu, implorando para ser preenchido enquanto ela desfrutava dos lábios, do corpo dele.

Com cada novo impulso de som subsônico, ela montou uma nova onda de prazer, de êxtase. O Som afundava em suas veias e a consumia de dentro para fora. Esse macho, esse alienígena, excitava-a e a desejava como nenhum outro. Ela perdeu-se na alegria do corpo dele, perdeu-se na sensação de seus sons que a atravessavam, bem como a crista que parecia crescer inexplicavelmente mais com cada rebolado dos quadris dela.



Ela ofegou e gemeu e ele a encorajou, a incitou à libertação e.... ela queria. Desejava. Desejava isso acima de tudo.

Não, queria ser preenchida por ele mais do que qualquer outra coisa.

E ainda... não agora. Depois, quando ela não estivesse consumida por essa necessidade esmagadora.

— Tave... — Mal falou o nome dele, o prazer roubando sua voz.

— Pegue o que você deseja, minha Pyabi.

Com um gemido, ela o fez. Aceitou e abraçou a oferta dele enquanto se permitia se jogar na libertação. Que a atingiu furiosamente, um tsunami de sensações que afastou todas as sugestões de mal-estar para longe. Ela gritou com o clímax, gritando o nome dele para o céu quando o orgasmo chegou como onda após onda de êxtase e felicidade. Tremeu e empurrou e o aperto diminuiu, mas Tave estava lá. A segurou firmemente, permitindo que ela flutuasse e verdadeiramente abraçasse o que ele lhe dera. Foi esmagador, incrível e.... não foi suficiente.

Não seria suficiente até que os dois fossem um só. Permanentemente. E se perguntou se isso seria possível enquanto ele estava com a cauda.

Rina balançou os quadris, reconhecendo facilmente aquela crista e alcançou entre eles para explorar o corpo dele abaixo da cintura. Tocou levemente aquela linha longa e dura, mas ele agarrou seu pulso.



— Rina. — Avisou ele.

— Peguei o que eu precisava, Tave. Não posso devolver o favor?

Adoraria devolvê-lo com a boca, o sabor dele ainda estava na sua língua.

— Não. Eu fiz uma promessa e não vou quebrá-la, não importa quão lindamente você implore.

Ela lambeu os lábios, ansiosa por mais dele. — Por favor? Você me deixa...

— Sempre lhe darei o que você quiser, mas eu não aceitarei. Não quando jurei...

— Ela se inclinou para ele, roçando os lábios nos dele dando um beijo gentil. — Então me dê isso.





CAPÍTULO 4

Tave travava uma batalha feroz dentro de sua mente. Não queria provar ser como os machos do passado dela, mas quando Rina traçou a linha da sua bolsa de acasalamento³, quase gritou de prazer. Os dedos humanos suaves dançaram sobre a dureza e ele engoliu o grunhido ressonante que encheu seu peito. Queria incitá-la a tocá-lo com mais força. Dar mais a ele. Que parasse de provocá-lo e atormentá-lo. Seu pênis estava duro por ela, ansioso por ela. Se ela simplesmente...

Ele notou o instante em que a fenda da bolsa começou a abrir-se para Rina. O selo sólido aliviou sob o toque enlouquecedor. Era a evidência da conexão dos dois, de sua necessidade por ela. Como se o corpo dele identificasse sua companheira e estivesse decidido a reivindicá-la dentro das águas, no lar natural dele. Ele desejava se livrar da bolsa de acasalamento e deslizar para dentro dela, preenchê-la com ele e, em seguida, com sua semente.

Ela seria dele.

Mas ele fez uma promessa.

— Rina.

³ Parte do corpo dele onde fica retraído o pênis enquanto ele está na forma de tritão.



— Hmm... — Ela ronronou e as convicções dele foram consumidas pelas carícias.

Os movimentos dela se tornaram mais insistentes, deslizando ao longo da bolsa, encorajando-o a se alargar ainda mais e então as pontas dos dedos deslizaram sob a pequena aba. O acariciando, provocando-o lá e ele tremeu de necessidade. Ele gozaria antes que ela acariciasse seu pênis, tinha certeza disso.

— Rina.

— Dê-me o que quero. — Murmurou e ele se viu incapaz de negar.

A abertura na bolsa de Tave se alargou ainda mais, o mar envolvendo o eixo quando o pênis foi exposto à água salgada e ele quase gozou quando a sua pequena mão envolveu sua espessura. E mais ainda quando ela gemeu. O som dele ecoou o dela, o prazer o ultrapassando com aquele primeiro toque real. Ela o acariciou, deslizando para a base e depois movimentando a palma sobre o comprimento até que alcançou a ponta. Ele tinha consciência de que era grande, mais grosso do que os machos humanos, sem dúvidas. Pensou por um momento se ela teria dificuldade em acomodá-lo.

Porque ela acomodaria. Era a companheira dele, somente dele e mal podia esperar para reivindicá-la como tal. Enquanto ela ronronava enquanto o acariciava, ele não sentia nenhum medo ou hesitação.

Ótimo.



Isso lhe permitiu concentrar-se nas carícias, na sensação dela tocando sua pele escamada. Os toques eram firmes e deliciosos, viajando da base à ponta e repetindo outra vez. Ele gemeu e ofegou com cada carícia até que já não reconhecia as próprias palavras, estava meramente vocalizando o verdadeiro prazer. Ela sussurrava o encorajando, dizendo-lhe para gozar para ela, para molhar sua mão, para...

Rina apertou a ponta, o polegar circulando sobre a fenda e provocando aquela parte dele. Ele balançou, empurrando para a frente em um esforço para roubar mais prazer.

— Grite por mim, Tave, — sussurrou contra a orelha dele, a mão ainda o atormentava com precisão mortal.

Gritaria e logo, se ela persistisse. Então se perguntou por que se privou dela. Não havia jogos entre companheiros, não há motivos para provar quem era o mais forte no relacionamento. Eram iguais. Amantes. Companheiros.

O orgasmo se acumulou ao longo da espinha dele, o prazer ramificando-se e esticando-se, deslizando e acariciando seus nervos. Desceu, cuidadosamente rodeando a virilha e acalentando o pênis ao mesmo tempo que o toque dela. Seu eixo pulsava e vibrava de necessidade por ela, com um desejo desesperado de afundar em suas profundezas. Ela estaria molhada e quente, o corpo preparado para a posse dele e ele não sossegaria até que reclamasse cada centímetro dela.



— Tave, — sussurrou o nome por um momento antes que sua boca descesse sobre a dele.

Ele tinha que permanecer passivo para ela. Desta vez.

Nunca mais faria uma promessa estúpida como está.

Quando Rina pressionou os lábios nos dele, ele se abriu para ela, permitindo que deslizasse a língua em sua boca. Foi explorador, doce e não o suficiente. Não podia permanecer passivo no beijo. Em vez disso, ele a dominou. Tomou controle da situação e deslizou a língua nos lábios entreabertos dela. Entrelaçou suas línguas, acariciando e provando enquanto a mão dela perversamente continuava a tocá-lo. Ele imitou o que gostaria de fazer com o corpo dela, a maneira como empurraria dentro e fora dela, fodendo-a. Mas nunca a machucando. Nunca.

Os quadris trabalhavam ao mesmo tempo com a língua, amando-a sem possuí-la totalmente como desejava.

As unhas dela o arranhavam, suavemente, mas com força suficiente para lhe dar uma sacudida de prazer. Suficiente para deixá-lo no limite e voando para o esquecimento. Ele gozou com um grito, tirando a boca da dela, o nome de Rina nos lábios e aquele grito transformou-se lentamente em um chamado gutural que todo Ujal reconheceria.

Um homem se divertindo com sua companheira.

Pulso após pulso, onda após onda de êxtase o consumiu, pau latejando enquanto a liberação enchia o espaço entre eles. Lamentou por não estar enchendo-a, mas



este foi o primeiro passo para o acasalamento deles. Ela estava confortável o suficiente para se envolver nesse tormento com ele. Seria apenas uma questão de tempo antes de serem amarrados juntos.

Mesmo quando o grito dele se acalmou, Rina continuou lhe dando prazer com o toque enlouquecedor. Acariciando. Apertando. Arranhando.

Até que finalmente teve que colocar a mão sobre a dela, forçando-a a ficar imóvel.

— Pyabi.

Ela cantarolou e suavizou o toque, aliviando o ritmo até que simplesmente diminuiu o aperto na dureza dele.

Rina finalmente o soltou e se aconchegou, apoiando a cabeça em seu ombro.

— Isso respondeu minha pergunta.

— Qual? — Ele sussurrou dando um beijo gentil na sua testa. Queria se afundar nela, mas também gostava dessa proximidade.

— Se podemos fazer amor na água. Com você assim.

Assim. Com a cauda.

— Você está feliz com isso? A minha cauda... — Não queria ouvi-la dizer que a forma dele na água lhe desagradava, mas faria qualquer coisa para deixá-la feliz. Se isso incluísse não fazer amor nos oceanos, então ele não faria amor com ela nos oceanos. Pelo menos, não totalmente. Ela não parecia se importar com o que acabaram de fazer.



— Eu adoro. — Ela levantou a cabeça e olhou para ele.
— Eu a amo. Acho que você é lindo na terra ou no mar. Só estava curiosa porque não quero que fiquemos limitados. Agora sei que não vamos ficar.

Tave sorriu.

— Não, não há nada que não possamos fazer. — Um grito agudo percorreu a água, os ouvidos dele reconhecendo a convocação apesar do fato de ele não estar totalmente submerso e o sorriso dele se apagou. — Venha. Vados diz que há seres humanos escondidos e tentando nos ver. Podemos terminar isto... — Quando ela abriu a boca para responder, ele rapidamente terminou a frase. — Ou não, quando for a hora. É sua escolha. — Encostou suavemente os lábios nos dela. — Mas nós devemos terminar nosso mergulho agora.

— Mas depois... — Não havia dúvida sobre a necessidade dela.

— Depois faremos tudo o que você desejar. — Por enquanto, ele precisava descobrir o que preocupava tanto Vados...

CONTINUA...

